

SUBJETIVIDADE, COMTEMPORANEIDADE E EDUCAÇÃO : A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Autor: Grinspun, Mírian P.Sabrosa Zippin

Co-autor: Azevedo, Nyrma

*O tempo é construção. Não podemos ter a
Esperança de predizer o futuro , mas
podemos influir nele.*

Ilya Prigogine

1 - Introdução

Estamos chegando ao início do próximo século envolvidos com um quadro econômico político, social que nos inquieta e instiga. O avanço científico tecnológico responsável por mudanças e transformações significativas neste universo trouxeram de uma lado alterações no cotidiano pela diminuição de tempo e aumento de ganhos, mas por outro lado deu ao homem um papel - em algumas vezes – até substituível pela “*máquina*” engendrada.. Nos deparamos, hoje, com um quadro extremamente crítico seja no campo de um Estado mínimo, em termos de Instituições que lhe estariam afetas, seja no campo dessas próprias Instituições em termos de *crise* em suas organizações. De um modo geral, considera-se que esta situação é fruto de uma política neoliberal que até pode colocar em risco a sobrevivência dos sujeitos quando excluídos da benesses do capital, sujeitos esses que precisam transformar a economia e, com ela, ou a partir dela começar a criar novos espaços de vida.

Quer nos aparecer que vivendo nesta época contemporânea – marcada pela modernidade- estamos observando situações que se não são reais (em termos de consenso pelos indivíduos do que seja realidade) pelo menos são idealizações, representações ou até mesmo ,fetiches de uma realidade contextualizada. Cada segmento da sociedade traz marcas profundas de um tempo que ,talvez, ainda procure a definição do seu espaço.A totalidade - registro desta contemporaneidade- busca o perfil desejável da singularidade de suas Instituições e dos profissionais que nelas atuam. Não basta atuar de forma genérica –

pois não atingiremos o todo- nem pensar isoladamente os campos da sociedade. A educação, a saúde, a segurança, etc – dimensões desta sociedade têm que ser observadas numa perspectiva abrangente e trabalhada especificamente na sua singularidade. É como se fosse um caleidoscópio em que ao nos debruçarmos para observar um dos micro segmentos da sociedade, mas que está no conjunto com os demais.

Uma das marcas do século XIX foi a busca de uma categoria da totalidade que procurou aplicar na complexa e intrincada rede dos atos humanos, uma racionalidade a priori, respondendo ou tentando responder pelos dados existente. Na sociedade contemporânea que vivemos a marca da sua categoria máxima é a crise da razão moderna, isto é, a razão que era fundamental no século passado passa a ser questionada e está em crise. No final do século XIX começou a ser questionada a viabilidade de uma ciência social objetiva que desse conta de um método e do estatuto das ciências naturais. A totalidade de propostas apresentadas até então não respondiam aos anseios de um novo tempo.

No século XX , tanto nas ciências sociais quanto nas ciências físicas e naturais, começou a surgir a tentativa da valorização da autonomia e de uma subjetividade que ligasse, unisse ao objeto da ciência. Aparece, então no cenário da modernidade, a *subjetividade* como eixo articulador da mesma , devendo ser entendida como a questão do sujeito numa perspectiva social, cultural, portanto coletiva. O sujeito deixa de ser visto, apenas, como o indivíduo com determinadas características pessoais para assumir o papel do sujeito social, fruto de uma cultura , de um espaço, de um momento histórico- social.

A subjetividade , então, vai de encontro a uma noção de sujeito oriundo, hoje de uma sociedade abrangente, competitiva e como diz, Morin, complexa. Ela se vale do estatuto do indivíduo mas abre as suas lentes para as inter-relações sociais que ele mantém com os outros sujeitos. Estamos querendo *conhecer* este indivíduo social

“ O indivíduo histórico- social., que é também um ser biológico, se constitui através da rede de inter-relações sociais. Cada indivíduo pode ser considerado como um nó em uma extensa rede de inter-relações em movimento. O ser humano desenvolve através dessas relações, um “eu” ou pessoa (self) isto é um auto controle egóico que é um aspecto do eu no qual o indivíduo se controla pela auto-instrução falada de acordo com sua auto-imagem ou imagem de si próprio”(Bonin,1998, p. 59).

O mais significativo para nós, neste momento, está centrado na construção dessa subjetividade, verificando que papel a escola tem a desempenhar para que haja uma coerência e harmonia nas condições promotoras dessa construção. Neste estudo queremos abordar tanto a questão da construção da subjetividade no espaço-tempo da sociedade contemporânea, como a própria construção em termos do sujeito social.

A necessidade de aprofundarmos essa temática partiu das pesquisas realizadas pelas autoras desse estudo que foram ao encontro do conhecimento da *subjetividade* para fundamentar os trabalhos desenvolvidos, tanto no campo da formação dos professores, como no campo dos valores dos jovens.

Esse artigo, então, reflete a pesquisa histórica que realizamos, através de análise e reflexão do tema em questão, assim como das sessões de estudo que se seguiram para identificar, com mais propriedade, o conceito da subjetividade no universo pedagógico. A contribuição da Psicologia da Educação, acreditamos, está no viés das inter-relações que o sujeito manifesta nos seus diferentes espaços sociais. A partir do momento que acreditamos que essas relações existem, e em especial na escola, há que se pensar no cultivo das relações interpessoais. Ao valorizar as experiências particulares de grupos e indivíduos estamos aceitando a coexistência e postura de códigos e de mundos com diferentes campos e objetivos, reconhecendo então a heterogeneidade dentro da singularidade. O que nos fica claro é que precisamos entender o conceito de subjetividade para garantir ao sujeito uma construção própria, com as marcas de um tempo complexo pela sua própria estrutura social. Não nos afastamos do todo, mas buscamos compreender e auxiliar esse sujeito social que é o nosso aluno. O trabalho será desenvolvido com uma breve colocação da subjetividade em termos de um novo paradigma, a noção de sujeito, a construção da subjetividade e as relações interpessoais como fato de explicitação de uma das formas da subjetividade.

2 - Subjetividade- um novo paradigma?

A emergência da subjetividade ocorre quando as ciências por si só não dão conta de um universo maior do homem no contexto em que ele vive sem fazer oposição do homem x objeto. Lyotard nos seus estudos da pós modernidade vai nos dizer que os saberes em diferentes campos não conseguiram mais legitimar suas regras por filosofias universais da

história. Para o autor perderam legitimidade os discursos totalizantes e universais e que as práticas científicas, políticas modernas devem ser pensadas em termos de uma subjetividade. Nos vários campos das ciências humanas observa-se hoje uma tendência em se redefinir os discursos em torno das idéias de verdade/falsidade, objetividade/subjetividade como forma de trazer uma nova dimensão na relação sujeito/objeto. O sujeito seja ele em si ou a sociedade, não existe sem o outro; objetivamente o objeto não existe especificamente sem que o sujeito dele fizesse parte.

O termo subjetividade veio a englobar o que antes nós chamávamos de *ser humano, psiquismo, eu-privado, homem íntimo, indivíduo psíquico...* e ele caracteriza esta relação sujeito/objeto não numa dimensão de pólos contrários, mas das relações que os mantêm. O sujeito se constitui numa relação com o outro sujeito e é *construído* pela integração do sujeito psíquico que tem uma história individual e portanto desejos, sonhos e fantasias, e o sujeito social, concebido como o sujeito da história social que a produz e dela recebe as transformações necessárias.

Esta subjetividade traz embutida a própria questão da realidade, pois, o que se constitui um fato real muitas vezes não é o que se vê mas o que parece ter se visto. Para Morin a *única coisa que é real é a conjunção da ordem e da desordem* (1997, p.8).

Hoje os paradigmas da ciência buscam entender esses espaços da ordem e da desordem, numa complexidade em que o homem é chamado não mais a desvendar *os mistérios* desta realidade, mas sim a se comprometer com esta mesma realidade na medida em que dela ele faz parte. Foucault vai nos falar dos discursos, da cultura, de um *regime de verdades* que estão inseridos nesta nova abordagem da ciência. O sujeito passou a ter um novo lugar como produtor do mundo em que vive e ele pode e deve ter visão desse mundo diferenciada do outro, como já nos falava Fernando Pessoa em suas poesias sobre mundos diferentes.

A partir dos últimos anos tivemos modificações consideráveis no cenário mundial, identificadas seja na globalização, seja no campo da política, da economia e até mesmo da religião. Essas mudanças trouxeram mudanças, também, no que se entende pelo sujeito que a produz ou que dela recebe os *benefícios ou prejuízos*. Por exemplo, as novas concepções de trabalho oriundas, em especial, pelas novas relações do homem com o mesmo, a partir dos avanços científico-tecnológicos apresentam como conseqüências mudanças significativas, como o homem que construiu a máquina pode *ser dispensado por ela*.

Pergunta-se: o que significa, hoje, o homem trabalhador? Quem é o responsável por sua formação enquanto sujeito dessa história? Se ele não é mais uma peça da engrenagem como no filme Tempos Modernos que papel ele faz , hoje, no cenário da nossa sociedade? Essas perguntas coexistem quando reflito tanto sobre as questões da relação educação-trabalho, como as questões referentes à construção da subjetividade para os tempos da modernidade. Aqui estamos diante de uma relação subjetividade e cidadania

Santos (1995) desenvolve uma reflexão pertinente entre a subjetividade relacionada à cidadania, à emancipação e à regulação. Afirma que os princípios da subjetividade-autonomia, liberdade, auto - refletividade, auto- responsabilidade- são mais amplos do que os de cidadania que se limita apenas a uma cidadania política e civil, tratando os sujeitos da mesma forma , como fossem todos iguais (*na realidade eles o são em termos legais, portanto de deveres e direitos*) este é um ponto significativo da nossa análise quando comparamos a questão da subjetividade com a cidadania e vemos, por exemplo, movimentos que reúnem minorias na defesa de seus interesses e objetivos, mas não percebemos a diferença quando tratamos de igualdades generalizadas. Por exemplo, na escola, de um modo geral trabalha-se, com certo conhecimento, com *os alunos repetentes, os alunos aprovados, os alunos disciplinados, etc ;* mas não conseguimos *ver* diferenças de tratamento e estratégias a serem estabelecidas no caso dos alunos excluídos.

A subjetividade permite desvelar essa diferença , pois, ela vai ao encontro do reconhecimento da pluralidade. A ciência exata que universalizava todos os conhecimentos de forma a dar um sentido de totalidade aos mesmos, está convivendo, hoje, com uma nova ciência que deve admitir a incerteza, a singularidade, a particularidade, o caos e a desordem. Não podemos *inventar outros* para convivermos com *os novos tempos*, mas podemos e devemos entende-los à luz da subjetividade construída nos espaços da contextualidade. Esta contextualização vai nos direcionar para a compreensão da totalidade, mas para a ação setORIZADA e particularizada. Nenhum sujeito desenvolve suas ações no mundo globalizado; ele as faz num determinado espaço, extremamente localizado e particular, como diz Boaventura Sousa Santos.

No que tange à educação, a subjetividade precisa ser entendida no foco das dimensões de um novo paradigma que está surgindo nesta pós-modernidade, como diz Lyotard não apenas no sentido do conhecimento, mas no sentido do aluno/sujeito que está vivendo neste

espaço/tempo. A Psicologia quando nos traz questões para reflexão do indivíduo e do grupo, das formas de desenvolvimento e de aprendizagem, do compromisso dessa ciência com o homem há que repensar-se como ciência no papel que a subjetividade adquire na sua concepção psicológica da educação. Esta nova perspectiva da psicologia precisaria rever seu objeto de estudo, pois como nos diz Gatti (1998)

Caberia a uma psicologia da educação tentar clarear as relações entre os fins da educação e o conhecimento que vem das teorias em psicologia, no bojo de um ambiente que contextua esses fins e esse conhecimento, o sistema escola, a escola, a família, uma comunidade...(p.10)

Esta é a visão que temos que ter desta tessitura contemporânea: a busca de novas perspectivas. Precisamos, hoje, por um lado, entender esta sociedade contemporânea, com suas transformações, nuances, englobando mais, especificamente a questão da ciência, do conhecimento e da própria sociedade; por outro, devo permitir que os novos olhares surjam, a partir dessas novas dimensões científicas em favor da melhoria do sujeito que produz aquele conhecimento. A educação não se esgota no aprendizado de metodologias, de procedimento que modifiquem o indivíduo em termos de aquisição de conhecimentos; ela ajuda e forma o indivíduo enquanto sujeito de sua cultura e da sua história. A nova dimensão, hoje, está no espaço de se garantir ao sujeito a possibilidade dele colaborar na transformação da sociedade, transformando-se, também. Que novo olhar, seria esse? Afirma Gatti (1998)

O olhar que se preocupa com a pessoa , ou o sujeito (não só no sentido daquele que é submetido a ... mas também daquele que simultaneamente atua) é a perspectiva com que um campo de conhecimento- a Psicologia- pode se apresentar no rol das formas com que nós tentamos compreender o homem e seu mundo, no caso o homem enquanto subjetividade, enquanto consciência agindo no e com o mundo (p.11)

A sociedade contemporânea nos mostra que as reivindicações das singularidades subjetivas não podem ser mais atendidas em termos de uma universalidade de subjetividade. Temos que *dar conta* de criar alternativas para a interatividade e a emergência criadora da subjetividade. Tanto na pesquisas sobre valores, quanto na de formação de professores estamos diante de impasses que chamam para a necessidade da reflexão da subjetividade, como, por exemplo, trabalhar a questão da autonomia. O que é autonomia para os jovens? Como trabalhar a autonomia do professor, em termos de sua formação para o seu desempenho futuro em sala de aula? As fronteiras entre sujeito/objeto ficaram menos demarcadas; as repercussões do sujeito coletivo são vistas mais como explosões políticas do que reivindicações do sujeito social; a organização da educação privilegiando mais o geral, o total do que o individual e o particular ainda não aderiu a noção do que se entende por subjetividade. Ela, a educação, deveria ser reconhecida como um espaço da singularidade que deve promover as igualdades das oportunidades, mas respeitar as diversidades da homogeneidade. É exatamente nessa diferença que reside o espaço da subjetividade, da construção de identidades coletivas e individuais que não podem ser ancoradas como *novas bandeiras dos educandos* mas sim como novas perspectivas pedagógicas/sociais emergentes da e na formação do cidadão.

2 -A noção do sujeito

Nas pesquisas que estamos desenvolvendo, a noção do sujeito transcende o próprio objeto dos nossos estudos específicos, na medida em que os dados levantados e analisados pretendem traduzir a expectativa de melhoria de mudanças, no universo dos sujeitos pesquisados.

O que tentamos assinalar no tópico anterior é que vivíamos um paradigma de uma verdade científica, um período que era marcado, portanto, pela objetividade, contrapondo-se ao sujeito, em si, e que hoje esses dois mundos- sujeito e objeto têm no seu interior inúmeras e reflexivas categorias que passam desde o conhecimento até a sensibilidade, o

sonho e a esperança. A ciência, hoje, apresenta-se com novos paradigmas. Em termos de psicologia, o indivíduo- centro das atenções- ficou dividido na área dos estímulos, respostas, comportamentos esperados, hábitos e atitudes. O social teve uma força muito mais significativa que o individual e mesmo quando alusões específicas – fora da Psicanálise - eram feitas tinham uma caráter também, terapêutico, como, a dimensão facilitadora de Rogers. É bem verdade que se o isolacionismo desse indivíduo não propiciou avançar nas questões coletivas, por outro lado ele propiciou verificar que esse sujeito não era apenas fruto do seu eu mas sim de uma teia complexa de componentes pessoais e sociais. Esta visão pode ser percebida em Foucault , Barthes, quando eles tentaram resgatar esse *novo sujeito*, mas ainda, do ponto de vista pedagógico/educacional, esta noção não é compartilhada por muitos.

A escola trabalha, de um modo geral o aluno enquanto indivíduo, proveniente de um grupo sócio-econômico, com determinadas características pessoais/sociais. Isto serve para um *diagnóstico da realidade*, vendo muito mais o aluno como *produto* desse meio do que um *agente transformador* desse meio. Já vimos que vivemos num mundo globalizado, incerto, complexo e que também o indivíduo que nele vive não se configura apenas como reprodutor da espécie: ele pensa, cria e constrói. Esta análise amplia-se ainda mais quando percebendo na vida cotidiana as características do outro, suas possibilidades e limitações, mas temos dificuldades em *nos percebermos* na medida em que a objetividade é mais solicitada que a própria subjetividade.

A noção de sujeito , evidentemente, passa pela noção do ser biológico, mas o que queremos entender é a formação desse sujeito nos diferentes segmentos da sociedade. O que faz o sujeito ser ele e não o outro? como se manifestam as relações do sujeito na sociedade? o que distingue os fatores externos e internos do sujeito na contemporaneidade? Como construir a subjetividade se ela tem que garantir as partículas da singularidade no universo da diversidade? Por certo essas e outras questões perambulam o real e o imaginários dos educadores comprometidos com os valores dos jovens ou comprometidos com a formação de seus professores .

3 -A construção da subjetividade

Pelos dados expostos anteriormente em termos da noção do sujeito pretendemos enfatizar que esse sujeito é fruto da cultura, do meio em que vive e que esta subjetividade não se caracteriza apenas pelo fator da afetividade como único traço constitutivo do sujeito.

O que queremos demonstrar é que o *eu* está contido no *nós* e que tanto esse *eu como nós* trazem a noção da subjetividade. Se a Psicologia nos fornece os meios para entender e analisar o *eu e o nós*, ela deve, também, fornecer os meios para que se compreenda a teia de relações que forma a subjetividade. Em outras palavras o que queremos explorar é que a construção da subjetividade além das características de todo o processo de construção, em termos de etapas, desenvolvimento, deve *tecer junto*, como diz Morin todos os campos onde o sujeito transita e age. A Psicologia se constitui num alicerce básico para a fundamentação do sujeito na medida que ela procura auxiliar esta noção do sujeito *dentro-de-si*.

Queremos ressaltar que a ação educativa deve comprometer-se com esta construção da subjetividade e para que esta ação atinja a finalidade a que se propõe deve estar fundamentada em determinados princípios, onde por certo a Psicologia terá além de um lugar de destaque um papel preponderante no processo da construção pretendida. São os princípios de:

1. princípio da noção de sujeito- sujeito esse que se forma com as suas possibilidades, mas com as possibilidades oferecidas no processo de interação dialética com o mundo;
2. princípio da qualificação- o sujeito precisa adjetivar suas características pessoais e sociais em termos do conhecimento, da afetividade e da própria corporeidade que ele possui;
3. princípio da vivência- o sujeito precisa além de qualificar suas ações ter um espaço para vivenciar e experimentar a sua ação e participação no meio em que vive. Não basta conhecer a relação sujeito-objeto mas ter a possibilidade de vivenciar esta relação de formas diferenciadas.

A educação deve, então comprometer-se com a formação do ser humano em termos não só da aquisição do conhecimento, mas também, do significado e das representações que o sujeito faz dos objetos e situações com os quais ele se relaciona. A Psicologia ao nos

fornecer os fundamentos para o desenvolvimento desta construção estará contribuindo para melhor qualificação da própria educação em seus objetivos e finalidade. Neste mosaico que se constitui em termos da subjetividade, poderia mencionar entre tantas reflexões que a Psicologia nos permite chegar, por exemplo, a questão do inconsciente coletivo de Jung que hoje apresenta-se com renovado interesse. A sincronicidade jungiana permite para os estudiosos da Física, por exemplo, entender as interações que existe nas partículas mas sabendo que as mesmas não podem ser previstas com precisão. Observa-se, hoje, que as teorias que explicitam o mundo das ciências naturais cada vez mais tem apoio no universo das ciências sociais e o sujeito da ciência clássica que apenas cumpria o papel de um dos pólos na relação sujeito- objeto passa nos paradigmas atuais uma relevância muito grande na medida em que a partir dele –sujeito- se ergue uma nova ordem científica.

A importância da construção da subjetividade passa por canais extremamente diversificados e nos mostra que o sujeito da contemporaneidade utiliza-se de várias formas de seu pensamento, do seu conhecimento e das estratégias da criatividade para um pleno desenvolvimento de suas características num mundo marcado por mudanças e incertezas. Para Morin (1996) a subjetividade vai sendo construída a partir da complexidade existente na sociedade até chegar a uma complexidade cerebral. Ela comporta níveis diferenciados que se integram no todo. sendo que a subjetividade vai sendo construída, também através de valores, da linguagem de do que podemos entender por liberdade. Afirma Morin(1996)

Muitas vezes se acreditou encontrar o fundamento do conceito de sujeito nesses níveis humanos, que só podem aparecer porque há um nível prévio, bio-lógico, do conceito de sujeito. E cometemos o erro de reduzir a subjetividade, seja à afetividade, à contigência, seja à consciência (p.53)

Tratando-se a educação como uma prática social podemos verificar que a construção da subjetividade tem que privilegiar o social sem desprezar o individual- seria como se um *jogo* fosse realizado em que se conhece(talvez) as regras mas cujo resultado são sempre imprevisíveis. Quando percebemos que os conhecimentos nos domínios das ciências passam por redefinições muito significativas (exemplo: a hiper-especialização da medicina; a utilização dos conceitos econômicos; a busca de remédios correlatos no atendimento aos pacientes; a dimensão de áreas que se articulam como a engenharia

genética, a medicina nuclear, etc) temos que ter a preocupação, como educadores, voltados para a prática social de aceitando esse desafio atual pensar e colaborar para a construção de um sujeito que está vivendo esse tempo. A Psicologia auxilia novos olhares para educação, não como foco refletor, mas como uma luz que pode iluminar e deixar mais evidente os momentos inerentes à formação do indivíduo. A Psicologia da Educação, mais especificamente, como afirma Gatti (1998), poderia buscar seus fundamentos no fato de que todos nós participamos nas matrizes sociais, que englobam a cultura e a violência e é a partir delas que formamos nos quadro de referência com as representações, formas cognitivas e as habilidades específicas;

As subjetividades organizam-se nas redes das representações e referentes, com a construção de perspectivas que criam suposições, pressupostos, projetos, portanto desejos, motivações, expectativas. O Olhar é pois sobre a transformação e a transmutação que se processa nas pessoas, crianças, jovens, adultos, idosos, pelas interações de caráter educativo, como também pelos auto-educativos. (p.110

Winnicott (1994) vai nos dizer que o sujeito se constrói na interação entre objetividade e subjetividade, de acordo com a afirmação de *que a realidade interna e a realidade externa se compõem na experiência de viver* (p.3). Guattari, mostra-nos que a categoria da subjetividade compreende um conjunto de agenciadores que se entrecruzam, de fatores que determinam uma escolha, permanecendo o processo de subjetivação vinculado às transformações sociais.

Na pesquisa que realizamos seja na análise dos valores dos jovens- na perspectiva histórico-social, seja na compreensão da estrutura da formação dos professores observamos que os resultados *frios* dos dados não contemplam a amplitude da análise; a cada passo somos *chamados* a novos comprometimentos no processo de análise dos resultados, não mais só como pesquisador, mas como um educador que vê nesta sua pesquisa brechas, atalhos, fendas e caminhos para que a construção dos sujeitos- seus protagonistas na pesquisa- possa ser ampliada a partir da finalidade dos seus estudos. Buscamos entender o real, as suas interpretações, possibilitando ao sujeito que tenha mais e melhores condições de ir construindo sua subjetividade. Talvez, quem sabe, sejamos,

ainda aprendizes da *arquitetura do desejo* , mas estamos ciente que a construção precisa desse *tipo de argamassa*.

4 - As relações inter-pessoais

No decorrer do nosso estudo fomos apontando para as teias de relação dos objetos de pesquisa desenvolvidos e a importância da subjetividade na contemporaneidade. Neste momento fazemos uma breve alusão a uma das áreas na educação em que a psicologia pode nos dar um suporte imprescindível para as questões da subjetividade. O conhecimento e desenvolvimento das relações inter-pessoais. Sabemos que existem inúmeras formas de compreender o seu significado, seja numa dimensão psicanalítica, política ou religioso, entre outras. Queremos nos deter e chamar a atenção para a importância da construção da subjetividade nas relações inter-pessoais que ocorrem em especial no interior da escola. A contribuição da Psicologia não é só oferecer as *ferramentas* mas ajudar ao pesquisado na reflexão de como na educação e para educação aquela construção se faz necessária.

As relações inter-pessoais existentes numa sociedade podem ser aprendidas do ponto de vista da vivência e de suas finalidades . Se estamos diante de uma nova sociedade com novos valores e novos estatutos, as relações que ela mantém entre seus membros pode ser de várias ordens, mas são necessárias que as compreendamos, pois, através dela que a prática da Educação vai ocorrer. As relações inter-pessoais motivam as questões inerentes ao próprio processo de desenvolvimento do sujeito; não posso falar em subjetividade- que está subjacente naquelas relações- se não considerar a questão do conhecimento e o desenvolvimento da inteligência .

A sociedade contemporânea tem marcas, como já vimos, de vários matizes: concepção, crises e expectativas. As relações que ocorrem dentro dela, em suas várias demissões não vão caracterizar somente o fluxo das relações e portanto o

desenvolvimento da mesma; elas têm a nota para avaliar o que se passa nesta sociedade, neste contexto, neste momento quando queremos falar da formação do sujeito. Talvez seja um espaço significativo a construção do sujeito se dar nas difíceis e complexas teias que formam a sociedade contemporânea.

Ao enunciar esta importância das relações inter-pessoais, dos vínculos da formação do sujeito à construção de sua subjetividade e o papel da educação neste cenário histórico- social, queremos apontar para a necessidade de uma tomada de consciência do que representa esta subjetividade no contexto atual, mostrando que ela nasce e vive em meio ao tremendo mar de conflitos existentes na sociedade e que para supera-los ou vivenciá-los com menos problemas e *dores*. Voltamos a Morin (1996) e ele vai nos dizer que é exatamente esta a condição de ser sujeito: *viver na incerteza e no risco* . Acreditando, que os sujeitos cuja formação de cidadania estamos comprometidos enquanto educadores, aceitamos *correr o risco de* vivendo na incerteza, apostar na certeza que a construção da subjetividade pode e deve ser auxiliada por uma educação mais crítica e consciente de seus valores na própria sociedade contemporânea. A Educação talvez, seja o eixo articulador entre esta contemporaneidade e a subjetividade a ser construída pelo próprio sujeito/aluno de nossas escolas.

BIBLIOGRAFIA.

- BAPTISTA, Dulce et alii. *Cidadania e subjetividade. – novos contornos e múltiplos sujeitos* . São Paulo:Imaginário, 1997.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade-a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- GATTI, Bernadete. *O que é Psicologia da educação?ou o que ela pode vir a ser como área do conhecimento?* Trabalho apresentado na 21^a Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 1998. GE- Psicologia da educação. 1998.
- BONIN, Luiz Fernando Rolim. Indivíduo, cultura e sociedade. In:STREY, Marlene Neves et.al. *Psicologia contemporânea- livro texto* . Petrópolis,RJ:Vozes,1998.

- DAVEL, Eduardo e VASCONCELOS, João(orgs) *Recursos Humanos e subjetividade. I Rio de Janeiro:Vozes, 1995.*
- FREIRE, Paulo. Atragédia de ser e não ser contemporâneo. SENAI. Departamento nacional. *O Encontro* .Rio de janeiro: Senai, 1995.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993
- _____. *Três ecologias*. Campinas:Papirus, 1991.
- MORIN, Edgar. A noção do sujeito. In SCHNITMAN, Dora Fied (org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre:Artes Médicas, 1996
- PAIN, Sara. *Subjetividade , objetividade- relações entre desejo e conhecimento*. São Paulo: Centro de estudos Educacionais Vera CRUZ, 1996.
- PAIVA, Márcia de e MOREIRA, Maria Éster. (org). *Cultura, substantivo plural*. Rio de janeiro:Centro Cultural banco do Brasil, São Paulo:Editora 34.
- PRIGOGINE, Ilya. Dos relógios às nuvens. N: SCHNITMAN, Dora Fried. *Novos paradigmas , Cultura e subjetividade*. Porto Alegre:Artes Médicas, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências* Porto: Edicções Afrontamento, 1997.
- _____. *Pelas mãos de Alice*. São Paulo:Cortez, 1995)
- SILVA, Nilza. Subjetividade. STREY, Marlene Neves . *Psicologia social contemporânea- livro texto* Rio de Janeiro, 1998, p.168-181.
- TAVARES, José. *Uma sociedade que aprende e se desenvolve- relações interpessoais..* Portugal:Porto, 1996
- VAITSMAN, Jeni. Subjetividade e paradigma do conhecimento. *Boletim Técnico do SENAC*. Rio de janeiro:Senac, 21 (2) maio/ago.1995, p.3-9
- WINICOTT, D.W. *Explorações psicanalíticas*.Porto Alegre:Artes Médicas, 1994.